CAPÍTULO I

Estaria eu, naquela manhã, mais ou menos feliz do que nos outros dias? Não tenho a menor ideia, e a palavra felicidade não faz mais muito sentido para um homem de 74 anos.

Em todo caso, a data permanece na minha memória: 15 de setembro. Uma terça-feira.

Às 6h25, a sra. Daven, como chamo a governanta, entrou sem fazer ruído, sem mover o ar, e colocou a xícara de café sobre a mesa de cabeceira antes de se dirigir para a janela e puxar as cortinas. Vi logo que não havia sol, que o ar estava nublado, que talvez chovesse.

Nós nos dissemos bom dia, simplesmente. Falamos pouco. Enquanto eu bebia um primeiro gole, ela guardou as roupas que eu tirara na noite anterior e eu, por minha vez, girei o botão do rádio para ouvir as notícias da manhã.

São rituais. Eles se criaram pouco a pouco, e me seria bem difícil saber por que nós os seguíamos religiosamente.

A sra. Daven faz correr a água na banheira, e bebo meu café antes de me levantar e vestir o roupão. Ando até a janela. Todas as manhãs, observo a Place Vendôme

deserta, os compridos carros de aluguel em frente ao Ritz, o guarda uniformizado no canto da Rue de la Paix.

Dois ou três táxis passam, um único pedestre se apressa olhando a hora em seu relógio. O chão está negro e reluzente. Pergunto-me se chove ou se é a bruma que se deposita sobre a rua. Um leve estremecimento do ar indica que é uma chuva muito fina que desce tão devagar que mal se percebe e que escurece sobre o asfalto.

Atrás de mim, a sra. Daven serve minha segunda xícara de café preto.

– O senhor vai usar um terno azul?

Hesito, como se aquilo fosse importante, e digo:

– Um cinza. Bem escuro...

Talvez para ficar em harmonia com o tempo. Choverá o dia todo. Não é uma chuva passageira. A praça fica muito bonita sob essa luminosidade matizada, sobretudo nessa hora em que pouca gente está de pé. Só vejo duas janelas iluminadas, empregadas domésticas que trabalham.

Sei que na cozinha Rose Barberon, a arrumadeira, serve o café da manhã a seu marido que ainda não vestiu seu paletó branco nem colocou o chapéu de cozinheiro. Estão comigo há quinze anos. Dormem nas mansardas, bem acima da minha cabeça.

– O senhor não deseja nada de especial para o almoço ou para o jantar? – pergunta-me a sra. Daven.

– Não, nada de especial.

– O senhor não terá convidados?

– Não...

É tão raro que os tenha! O mais raro possível. Acostumei-me pouco a pouco a comer só e cheguei ao ponto em que me cansa falar ou ouvir.

Com exceção da cozinha, o apartamento está vazio: meu gabinete, o antigo quarto da minha mulher, seu

boudoir, os quartos das crianças, é claro, o grande salão e a sala de jantar.

A sra. Daven dorme no que foi por muito tempo o quarto de Jean-Luc. No início, ela queria se instalar numa das mansardas, mas eu me sentia sozinho demais, à noite, num apartamento em que o silêncio não era rompido por qualquer presença humana.

Tudo aconteceu naquela manhã como nas outras manhãs. Poucas notícias no rádio. Terminado meu cigarro, apaguei-o num cinzeiro e me dirigi ao banheiro. Minha primeira preocupação foi a de me barbear.

Mais um hábito que nada explica. A maioria dos homens toma banho antes de se barbear porque a barba fica mais suave, mas, como faço o contrário, ignoro. Tenho tendência, há alguns anos, sem dúvida desde que vivo praticamente sozinho, a repetir os mesmos gestos nas mesmas horas do dia.

Ouço a sra. Daven ir e vir em meu quarto. Ela sabe que tenho horror de ver a cama desfeita, a brancura crua dos lençóis amassados. Ela permanece lá enquanto me visto, entrega-me os objetos que coloco nos bolsos.

Na verdade, ela faz as vezes de criado de quarto. Jamais consegui suportar a presença de um homem na minha intimidade. Às sete horas, ouço passos no gabinete contíguo ao meu quarto. É Émile, meu motorista, que traz os jornais da manhã e os coloca sobre a mesinha de centro. Ele mora no subúrbio, para os lados de Alfortville, acho eu, e sua mulher está no hospital há quase dois anos. Ele arruma sua própria casa, todos os dias, antes de sair. Em alguns instantes, estará na cozinha tomando por sua vez o café da manhã.

Um universo bem pequeno, cinco pessoas no total, num apartamento concebido para uma família grande e para recepções. Daqui a pouco virão duas faxineiras fazer

o trabalho pesado, pois em todos os cômodos, mesmo naqueles que não têm mais serventia, o aspirador é passado diariamente.

Ainda não visto o paletó, mas um robe leve, e vou me sentar na poltrona do gabinete. Passo ali boa parte do tempo e, quando estou gripado, fico por lá o dia todo.

O tapete é bege e as paredes são forradas de couro, com o mesmo couro, um pouco mais claro, que o das poltronas. Na parede, diante do meu lugar favorito, mandei pendurar um grande Renoir, uma banhista, jovem e fresca, com gotas d'água que deslizam sobre sua pele rosada. Ela é ruiva e seu lábio inferior avança numa expressão de amuo.

Eu a vejo todas as manhãs e lhe dou bom dia.

Por causa da chuva fina, do céu todo cinza, hoje sou obrigado a manter as lâmpadas acesas e, do meu lugar, vejo outras janelas que se iluminam.

Terão alguns, como eu, hábitos aos quais dão importância? Eu não era assim antigamente. Parece-me que cada dia era diferente, que eu improvisava ao correr das horas, sem nunca saber onde estaria à noite e a que horas me deitaria. Agora, sei. Onze horas. Quase em ponto.

Nós – Jeanne, minha segunda mulher, e eu – raramente nos deitávamos antes das três da manhã e ainda dormíamos quando as crianças saíam para a escola.

Quanto à Nora, mais tarde, ela teria de bom grado passado todas as noites na rua.

Leio os jornais mecanicamente, sobretudo as informações financeiras, e a sra. Daven, sempre sem ruído, numa espécie de deslizamento, me traz a terceira xícara de café

Sempre gostei demais de café. Meu caro Candille, que é meu médico há mais de vinte anos, em vão me aconselha a reduzi-lo. Tarde demais. Não é na minha idade que se mudam os hábitos, e é assim para minhas três xícaras de café como para todo o resto.

De bom grado zombo de mim mesmo. Vivo nos trilhos, sem me afastar deles mais do que uma locomotiva. O mais curioso é que sinto, nessa repetição cotidiana de fatos e gestos, uma certa satisfação.

Como a que sinto ao ver, exatamente em seus lugares, os quadros e objetos que pouco a pouco escolhi ao longo dos anos. Não lhes confiro valor sentimental. Nunca penso nas lembranças que poderiam despertar em mim.

Gosto deles por eles mesmos, por sua forma, sua matéria, sua beleza. Há no salão, por exemplo, uma cabeça de mulher, de Rodin, cujo bronze acaricio sempre que passo.

O relógio de pêndulo dourado, que data do século XVII, bate as horas e as meias horas, e a sra. Daven cuida para que nunca pare. Tenho horror a relógios parados: é um pouco como se estivessem mortos. Todos os pêndulos da casa marcam a hora exata, com exceção do relógio elétrico da cozinha, que está adiantado em cinco minutos.

A Place Vendôme se anima um pouco. Ouço as portas metálicas sendo levantadas diante das vitrines, inclusive na joalheria, no andar térreo do meu prédio.

Quando o relógio bate nove vezes, significa que é hora de me levantar e trocar o robe por um paletó. Para chegar à porta, devo passar pelo grande salão onde uma das faxineiras se agita. Só as conheço de vista. Elas mudam com bastante frequência. Atualmente, creio que há uma francesa e uma espanhola.

Não tomo o elevador, pois só tenho que descer um andar para ver, sobre uma porta de acaju, a placa de cobre que traz, gravadas, as palavras:

F. PERRET-LATOUR
BANQUEIRO